

LAZER, SOCIEDADE E ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LEISURE, SOCIETY AND SCHOOL: A REPORT OF EXPERIENCES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Raquel Firmino Magalhães Barbosa 1

Cintia de Assis Ricardo da Silva 2

Kátia Regina Xavier da Silva 3

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo discutir sobre os direitos sociais do lazer e sobre o tempo dedicado a ele no cotidiano de estudantes, baseado em experiências pedagógicas realizadas em aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental, para o Ensino Médio e para o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional para Jovens e Adultos (PROEJA), em uma Instituição Federal de Ensino no Rio de Janeiro. A questão norteadora foi: é possível dialogar com o lazer na escola, a fim de que os estudantes compreendam e valorizem essa prática em seus cotidianos? A temática foi abordada no primeiro semestre letivo de 2019, com aproximadamente 150 estudantes, a partir de atividades pedagógicas denominadas: colônia de férias na escola; apresentando o lazer no meu bairro; lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade. Os resultados mostraram que as metodologias ativas desafiaram alunos e professores em busca de ações pedagógicas cooperativas sobre o conteúdo proposto nas diferentes etapas da Educação Básica. Conclui-se que as experiências realizadas apontaram caminhos para compreender o lazer e a qualidade de vida, com vivências (re)significadas dentro do contexto escolar, indo de encontro a preocupação com a “desescolarização” da Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Lazer. Saúde.

Abstract: This paper aims to discuss the social rights of leisure and the time devoted to it in the daily lives of students, based on pedagogical experiences conducted in Physical Education classes for Elementary School, High School and Professional Education for Youth and Adults (PROEJA), in a Federal Educational Institution in Rio de Janeiro. The guiding question was: is it possible to dialogue with leisure at school so that students understand and value this practice in their daily lives? The subject was addressed in the first semester of 2019, with approximately 150 students, from pedagogical activities called: summer camp; presenting leisure in my neighbourhood; leisure and the interfaces with health and society. The results indicated that the active methodologies challenged students and teachers in search of cooperative pedagogical actions on the proposed content in the different stages of Basic Education. It concludes that the experiments carried out pointed ways to understand leisure, quality of life and reframed experiences within the school context, meeting the concern with the “unschooling” of Physical Education.

Keywords: School Physical Education. Leisure. Health.

Doutora em Educação Física, Colégio Pedro II, Câmpus Engenho Novo II. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0450328137872217>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2139-0146>. E-mail: kekelfla@yahoo.com.br 1

Mestre em Educação, Colégio Pedro II, Câmpus Realengo I. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8120400660116339>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8323-1685>. E-mail: cintia03assis@yahoo.com.br 2

Doutora em Educação, Colégio Pedro II, Câmpus Engenho Novo II. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2686345319538102>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3178-2693>. Email: katiarxsilva@globo.com 3

Introdução

Este relato de experiência tem como objetivo discutir sobre os direitos sociais do lazer e sobre o tempo dedicado a ele no dia a dia de estudantes, com base em registros de experiências pedagógicas realizadas em aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental, para o Ensino Médio e para o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional para Jovens e Adultos (PROEJA), em uma Instituição Federal de ensino no Rio de Janeiro. Com o intuito de registrar e de compartilhar práticas pedagógicas desenvolvidas por docentes da instituição em questão, assinala-se a importância da escrita com uma perspectiva de troca de conhecimentos do que ocorre no chão da escola, a partir da compreensão de que “[...] a escrita registra nosso desejo e necessidade de comunicação e expressão; a vivência de experiências significativas cria necessidades de expressar-se e comunicar-se” (MELLO, 2006, p. 183).

Ao longo desta narrativa, destacou-se o lugar do lazer na escola como uma forma de estimular e ressaltar a relevância do campo da Educação Física no cotidiano dos estudantes, sobretudo, no contexto atual, em que há sinais de desescolarização¹ da Educação Física, seja por meio de escolhas por atividades físicas e esportivas fora da escola, seja por secundarização das manifestações corporais na vida cotidiana, desmotivação dos alunos e/ou rotinas repletas de atividades diversas (RESENDE, 1994). Apoiado em uma visão de Educação Física na qual a formação crítica e reflexiva do discente é um dos objetivos, o processo de desescolarização de práticas da cultura corporal de movimento desafia professores a repensar o trato dos conteúdos dessa disciplina na dinâmica do currículo escolar.

Inicialmente, faz-se necessário compreender o significado do termo lazer e seu lugar no cotidiano de alunos, assim como possibilidades de usufruir do lazer na sociedade, já que é um direito constitucional e fundamental para a vida social dos cidadãos.

Dumazedier (2000) leva em consideração a necessidade de entender o lazer em toda sua complexidade histórica, cultural e relacional em conjunto com determinantes da vida cotidiana. Para ele, de maneira geral, o lazer pode ser definido como uma oposição ao conjunto das necessidades e obrigações do dia a dia, de modo que todos os elementos se liguem entre si e reajam uns sobre os outros.

De acordo com Marcellino (2000, p. 50-51), é importante que a escola compreenda o lazer como “veículo e como objeto de educação”, baseando-se em duas premissas: a primeira, no sentido de proporcionar aos estudantes formas de potencializar seu desenvolvimento pessoal e social, ajudando-os a descobrir o mundo a sua volta, de forma crítica, sensível e criativa. E, a segunda, na perspectiva de considerá-lo como um espaço de aprendizado e espírito crítico sobre a prática qualitativa do lazer. Diante disso, o referido autor defende uma educação “para e pelo lazer” conjuntamente, isto é, uma educação que leve o aluno a procurar satisfazer as suas necessidades individuais e sociais, favorecendo a mudança no plano social; e uma educação que incentive a uma educação permanente para o desenvolvimento cultural dos indivíduos.

Dessa forma, a Educação Física pode criar espaços em seu planejamento curricular para cumprir seu papel educativo de possibilitar práticas, discussões e reflexões sobre o direito e o acesso ao lazer. Algumas pesquisas apresentam dados de como a noção de lazer na escola é compreendida, sobremaneira na visão de crianças e adolescentes.

Rocha e Souza (2012), por exemplo, pesquisaram sobre o conceito de lazer de crianças de 9 e 10 anos de idade, de escolas públicas e privadas da cidade de Belo Horizonte. A pesquisa mostrou, de um modo geral, que as crianças tiveram dificuldade de conceitualizar o lazer, porém, o maior número de respostas se direcionou para diversão e para algo que gostam de fazer. Para elas, ver televisão, descansar, fazer atividades físicas e brincar são as práticas mais recorrentes em seus momentos de lazer.

Conceição e Souza (2015) realizaram um estudo com 18 escolares adolescentes, com

1 Compreende-se desescolarização como uma “[...] crescente tendência dos indivíduos (inclusive escolares) buscarem outros espaços para a prática de atividades físicas, reguladas pelos princípios da ludicidade, da autonomia e do prazer, em detrimento daqueles regulados por interesses corporativistas, instrucionais e institucionais estranhos à vontade do praticante” (RESENDE, 1994, p. 22).

idades entre 16 e 18 anos, em uma escola pública em Ribeirão das Neves, em Minas Gerais, sobre a relação do lazer com a Educação Física. Para os adolescentes, lazer significa fazer o que gosta, ter liberdade e usufruir de práticas divertidas. Sobre a relação lazer e Educação Física, os estudantes destacaram que no momento da aula há uma quebra da rotina e consideraram como um momento de diversão, de relaxamento, de desenvolvimento e de aprendizagens. Eles apontaram, também, que os conteúdos abordados poderiam ser conectados ao contexto social dos adolescentes.

Silva e Silva (2014) analisaram a produção acadêmica de teses e de dissertações sobre lazer e Educação Física Escolar entre 2003 e 2012. A análise identificou a preocupação com o lazer, seu duplo aspecto educativo e o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, na busca de emancipação, criticidade e criatividade na sociedade em que vivem.

Na pesquisa de Schneider e Bueno (2007), alunos do Ensino Médio da Rede Pública da Região da Grande Vitória discutiram sobre os saberes que eles reconheceram como os que foram compartilhados pela Educação Física durante o processo de escolarização. Os dados revelaram que a necessidade e a função da Educação Física na escola é possibilitar aos alunos entrar em contato de forma mais organizada com os esportes e suas regras e acreditam, também, que o espaço e o horário das aulas de Educação Física é o local e o momento em que poderão ter lazer e intensificar as relações humanas.

Essas pesquisas revelam que as aulas de Educação Física podem ser espaços valiosos para se discutir os significados, os acessos e as reivindicações sobre o lazer dentro e fora da escola e suas implicações na sociedade. Assim, o Projeto Político Pedagógico da instituição na qual o presente relato teve origem (PPPI 2017-2020), sobretudo no que concerne aos aspectos pedagógicos da Educação Física Escolar, destaca a necessidade de “[...] criar novas formas de fazer e pensar a Educação Física na escola, (...) bem como a ressignificação dessa disciplina no contexto das relações sociais dentro e fora da escola” (BRASIL, 2018, p. 246).

Com o objetivo de formar alunos que questionem a ordem social e que sejam críticos e criativos para transformar a sociedade em que vivem, o *campus* no qual as atividades foram realizadas, compreende as aulas de Educação Física como um espaço de possibilidades, de incentivo, de reflexões e de (re)criação de cultura.

Desta forma, busca-se diminuir as fronteiras entre o que ocorre na escola e o que ocorre fora dela, pois acredita-se que práticas corporais e esportivas bem como pesquisas sobre os conteúdos trabalhados, podem influenciar as escolhas de lazer realizadas pelos estudantes. Nesse contexto, a questão que norteou o estudo foi: é possível dialogar com o lazer na escola, a fim de que os estudantes compreendam e valorizem essa prática em seus cotidianos?

Metodologia

Define-se como relato de experiência o texto de tipo descritivo que “[...] permite relacionar a prática imediata com a teoria, sem generalizar a primeira, nem distorcer a segunda” (PÁDUA, 1997, p. 71). Nesse sentido, o presente relato traz algumas pistas que podem ser motivações e provocações que as vivências trouxeram à tona, a partir de ações na prática pedagógica.

A temática “Lazer na escola” foi abordada durante a 2ª Certificação do ano letivo de 2019, com aproximadamente 150 estudantes de turmas do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do PROEJA, a partir de atividades pedagógicas: colônia de férias na escola; apresentando o lazer no meu bairro; lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade. Os pontos nodais Lazer, Sociedade e Escola funcionaram como ponto de partida e ponto de chegada para as discussões com os estudantes que, por sua vez, se engajaram em estabelecer relações e interfaces entre o conteúdo trabalhado e seus cotidianos dentro e fora da escola.

As quatro experiências significativas selecionadas para a construção deste relato compreenderam um total de oito encontros cada, com dois tempos semanais de 40 minutos, uma vez por semana, em quatro turmas do Ensino Fundamental (uma de 6º, uma de 7º, uma de 8º e uma de 9º), uma turma de 1º ano do Ensino Médio e quatro encontros em duas turmas do PROEJA, com dois tempos semanais de 35 minutos. O Quadro 1 sistematiza as atividades desenvolvidas acerca da temática “Lazer na escola”:

Quadro 1: Atividades pedagógicas da 2ª Certificação de 2019

| TURMAS | OBJETIVO | ATIVIDADE PED-AGÓGICA | ESTRATÉGIAS |
|-------------------------------|--|--|---|
| 6º e 7º do Ensino Fundamental | Problematizar o lazer e o tempo livre; pesquisar e elaborar jogos e brincadeiras cooperativas; construir regras coletivamente; vivenciar jogos e brincadeiras (re)inventadas com a turma | Colônia de Férias na escola | Planejamento, mediação coletiva e pesquisa na construção e na vivência das atividades pedagógicas |
| 8º e 9º do Ensino Fundamental | Identificar os hábitos de lazer dos estudantes; pesquisar sobre as funções e formas de lazer | Apresentando o Lazer do meu bairro | Rodas de conversa, pesquisa e problematização acerca das opções de lazer e tempo dedicado a este conteúdo |
| 1º ano do Ensino Médio | Problematizar e pesquisar sobre o lazer e sua relação com a saúde, qualidade de vida e a secundarização desse conteúdo na sociedade | Lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade ¹ | Rodas de conversa e produção de pesquisas sobre o lugar do lazer no cotidiano dos estudantes |
| PROEJA | Vivenciar jogos cooperativos e competitivos; problematizar as vivências corporais no contexto da discussão sobre saúde social | Lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade | Estafetas, jogos cooperativos e produção de uma síntese reflexiva, relacionando com as palavras lazer, saúde, cooperação, diálogo e conflito no cotidiano e avaliação |

Fonte: Os autores.

Sobre os procedimentos para a construção das atividades pedagógicas, a intenção foi oportunizar que os estudantes estivessem no centro do processo de aprendizagem. Para isso, utilizou-se metodologias ativas como uma maneira de vivenciar a autonomia, a socialização e a participação em situações que levassem os alunos a serem responsáveis em construir soluções para problemas reais. Berbel (2011, p. 29) compreende metodologias ativas como “[...] formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos”. As metodologias ativas incluem desde aulas interativas, trabalhos em equipe, instrução por pares, aprendizagem baseada em problemas, em projetos e em times até o uso de jogos e tecnologias na educação (ROCHA; LEMOS, 2014).

Deste modo, os conteúdos do lazer e das práticas corporais permearam e se hibridizaram constantemente nas vivências pedagógicas. A escolha pela “aprendizagem baseada em problemas”² e pela “aprendizagem baseada em projetos”³ direcionou as práticas nas turmas pesquisadas. O propósito das duas metodologias é buscar a resolução coletiva e colaborativa dos desafios apresentados junto com os estudantes, com o professor atuando como mediador, estimulando a busca por melhores escolhas e reflexões sobre os caminhos tomados. No entanto, a aprendizagem baseada em projetos, vai além, possibilita que o estudante utilize a pesquisa como uma ferramenta para chegar à solução, construir e vivenciar mais de perto a construção do conhecimento e de um produto. Esse movimento metodológico teve como um dos objetivos estimular, motivar os estudantes à prática reflexiva e ao posicionamento crítico diante dos desafios encontrados nos processos escolares e, também, na vida fora da escola (BORGES, 2014).

2 A aprendizagem baseada em problemas é um método centrado no aluno, a partir de um problema proposto, real ou simulado, no qual é possível formular hipóteses e tomar decisões (ROCHA; LEMOS, 2014).

3 A aprendizagem baseada em projetos é um método que direciona o aluno a ser mais ativo. Conforme os problemas vão surgindo, o aluno deve investigar, buscar soluções de como chegar à resolução do problema e construir um produto (ROCHA; LEMOS, 2014).

Ao longo dos encontros, a avaliação foi realizada continuamente por meio de trocas com os estudantes e autoavaliação, como uma maneira de compartilhar os desafios e os anseios sobre o trabalho coletivo. Segundo Santos e Maximiano (2013, p. 8), o “[...] sentido da autoavaliação é fazer com que o aluno assuma protagonismo em seu processo educativo, se constituindo corresponsável da aprendizagem”. Desta forma, a autoavaliação torna-se fundamental para o processo, pois traz a importância das vozes dos estudantes sobre a aprendizagem e, também, sobre seus posicionamentos como responsáveis pelos encaminhamentos alcançados.

Resultados e Discussão

Nas turmas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio foram realizadas rodas de conversa no início da 2ª Certificação, para contextualizar-se o lazer no cotidiano dos estudantes e encontrar maneiras de vivenciar e discutir o tema na nossa escola. A problematização partiu da questão disparadora: “o que você faz em seu momento de lazer?”. Ao escutar o retorno das diferentes turmas participantes, três respostas, em especial, chamaram a atenção: “*eu gosto de comer, dormir e jogar [no celular, tablet, videogame e computador]*”, “*eu gosto de fazer ‘vários nadas’ no meu lazer*” e, “*como eu vou falar de lazer se eu não tenho tempo?*”.

Em relação a primeira resposta, que foi recorrente nas falas dos estudantes, é possível inferir a existência de certa inação em relação à prática de atividade física e um fascínio pela tecnologia, principalmente no Ensino Fundamental. Na segunda frase, a condição de falta de ânimo e o ócio se combinaram, o que pode indicar desmotivação nos estudantes, sobretudo do Ensino Médio. Já a última frase soou de uma forma que incomodou e, ao mesmo tempo, tocou quem estava próximo, especialmente porque foi falada por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental, fazendo-nos refletir sobre a possível situação de sobrecarga de atividades na vida dos estudantes, desde os primeiros anos de escolaridade. A questão do tempo influencia diretamente a relação deles com o lazer, seja pelo fato de passarem um turno na escola e o restante do dia fazendo cursos de idioma, tarefas escolares, aulas de apoio escolar e/ou esportes em geral (às vezes, mais de um esporte), enquanto outros usam seu tempo livre para ver filmes, séries e navegar nas redes sociais.

Compreendendo o *espaçotempo* escolar como uma dimensão material do currículo, que nele há multiplicidades, complexidades e, também, singularidades, nos quais se *aprende-ensina* nas variadas redes cotidianas, com conhecimentos (re)criados e compartilhados (ALVES, 1998), o planejamento do *campus* ganhou forma e as docentes envolvidas refletiram sobre o retorno dos estudantes frente às vivências pedagógicas com o lazer.

Inicialmente, não foi fácil dialogar com os alunos sobre a importância do lazer e da atividade física na vida deles, pois eles mostraram resistência às aulas teóricas e às rodas de conversa. Eles queriam ver a prática acontecer. No entanto, a docente buscou dialogar com eles e propôs experiências pautadas em metodologias ativas, de modo a desafiá-los em relação ao conteúdo, ao processo de aprendizagem e à criação de um produto (BORGES, 2014).

Para tanto, optou-se pela “aprendizagem baseada em problemas” e “aprendizagem baseada em projetos” (ROCHA; LEMOS, 2014). O objetivo foi proporcionar a autonomia dos estudantes e que, por meio da pesquisa e da (re)leitura, eles pudessem encontrar soluções teóricas e práticas para os desafios que foram propostos. Dessa forma, o professor se torna um mediador, descortinando os caminhos para a construção do conhecimento e levando os estudantes a aprender, a pesquisar, a fazer e a compartilhar seus saberes.

Pensando em transformar a aula em um ambiente mais acolhedor, a docente responsável sugeriu a atividade pedagógica “Colônia de férias”, para que os estudantes pudessem vivenciar momentos prazer, de ludicidade e de liberdade dentro da escola, a partir do protagonismo na organização coletiva das práticas corporais, sob a mediação da professora.

Assim, os alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental foram desafiados a construir, em grupos, por meio da estratégia de “aprendizagem entre times”⁴ (ROCHA; LEMOS, 2014) – que privilegia o trabalho em conjunto e o compartilhamento de ideias – a vivência de jogos

4 A aprendizagem baseada em times oportuniza os alunos a praticar os conceitos aprendidos para resolver problemas, de forma conjunta e colaborativa através da interação do grupo (ROCHA; LEMOS, 2014).

e de brincadeiras que fossem cooperativas, de modo que eles mesmos (re)construíssem as formas de jogar e as suas respectivas regras.

Algumas atividades (re)inventadas pelos alunos não deram certo, o que provocou certa dispersão e discussão nas turmas, seja por falta de organização dos estudantes, pela atividade requerer muita atenção e coordenação motora dos participantes e/ou por não motivar a turma. Um exemplo foi um jogo construído por um grupo do 7º ano baseado em ritmo, no qual os participantes numerados formariam uma roda e fariam a seguinte sequência: fariam o próprio nome e número e, ao mesmo tempo, dariam dois tapinhas na perna e, depois, bateriam duas palmas; em seguida, diriam outro número e a sequência seria repetida com os dados do participante selecionado. Após um diálogo com a turma, a solução encontrada coletivamente foi treinar os movimentos antes e, caso alguém saísse do ritmo, o participante numerado em seguida o ajudaria a completar a sua sequência.

Ações cooperativas como essas fizeram com que eles pensassem sobre encorajar os demais participantes e a buscar uma atuação inclusiva para alcançar o objetivo comum de vivenciar o jogo de ritmo. Nesse processo, os estudantes perceberam a importância da aprendizagem compartilhada, no qual o foco não estava no resultado final, mas no processo e nas interações cooperativas (BROTTO, 1999).

Por outro lado, algumas atividades (re)construídas pelos estudantes foram muito bem aceitas pela turma, como foi o caso do “Pique-Sardinha”. Esse jogo indicou o empenho dos estudantes em unir aspectos midiáticos, trazidos do desenho animado *Peppa Pig*, com o jogo popular pique-esconde, apontando a criatividade em (re)inventar seus produtos brincantes. A atividade consistia em um grupo se esconder e os outros teriam que procurá-lo por toda escola. Ao encontrar o grupo que estava escondido, os participantes deveriam se juntar a eles, formando uma verdadeira “lata de sardinha”, até o último grupo encontrar todos.

E foi dessa forma que essa atividade deixou a turma motivada, rendeu muitos elogios e despertou a vontade de fazer novamente, pela criatividade da brincadeira. Isso mostrou a arte de fazer dos sujeitos, transferindo a atenção do “[...] consumo supostamente passivo dos produtos recebidos, para a criação anônima, nascida da prática, do desvio no uso desses produtos” (CERTEAU, 1994, p. 17).

Assim, a experiência da “Colônia de Férias na escola” apresentou aspectos de aprendizado significativo, sobretudo, quando debateu-se as melhores estratégias para solucionar os problemas encontrados nas brincadeiras que não deram certo, fazendo com que os estudantes cooperassem entre si, bem como, a descoberta que poderiam (re)criar brincadeiras a partir de seus próprios conhecimentos de mundo.

A experiência “Apresentando o Lazer do meu bairro”, atividade desenvolvida com os alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, teve como proposta inicial identificar o que eles entendiam como lazer e as funções dessa temática. Dumazedier (2000) aponta para o entendimento do lazer a partir de três funções que estão relacionadas ao descanso, divertimento e desenvolvimento. A primeira enfatiza a necessidade de reparar as tensões físicas e psíquicas resultantes das obrigações cotidianas. A segunda, parte da ruptura com o universo cotidiano, na busca por uma complementação, compensação e fuga da vida das obrigações, gerando um equilíbrio lúdico à vida. Já a terceira função, compreende a participação no que ocorre na sociedade, o desenvolvimento de atitudes ativas adquiridas na escola e a criação de novas formas de aprendizagem, aumentando a cultura popular. Para o autor, essas três funções são solidárias e se interpenetram, mesmo que pareçam se opor para o entendimento do lazer.

A partir desse quadro teórico, os estudantes relataram uma compreensão de lazer que se restringia à prática de atividades que tinham algum tipo de custo financeiro, influenciados por concepções advindas da indústria cultural e de valores ligados ao consumismo. Outros apontaram que não tinham como equilibrar essa tríade retratada pelo autor, pelo fato de não terem acesso ou por não conhecerem formas de lazer diferentes daquelas que a mídia difunde. Diante desse quadro, as aulas se tornaram palco para discussões a respeito dessa temática. Utilizou-se a estratégia de “brainstorming”⁵ e os temas surgiram espontaneamente, a partir de

5 É um método utilizado para gerar novas ideias, com trocas de conhecimentos entre grupos, de forma compartilhada, para resolver problemas (BORGES, 2014).

palavras-chave expostas no quadro pelo professor, tais como: vida moderna; consumo; prazer; tempo; tensões; e, possibilidades.

Com o início da discussão, originou-se uma problematização acerca do tempo dedicado ao lazer e as opções disponíveis em seus cotidianos. Em relação ao tempo, muitos alunos reclamaram do cansaço e da falta de tempo para a realização de exercícios físicos. Por outro lado, alguns alunos relataram que faziam alguma prática corporal e esportiva dentro de suas programações semanais, tais como lutas, futsal, musculação, ballet, dentre outros. Para Dumazedier (2000, p. 35), as relações entre o lazer, o tempo e as obrigações da vida determinam como será a participação de cada indivíduo na vida social e cultural, especialmente, “[...] nos dias de hoje, essa cultura depende, cada vez mais, dos ideais e das maneiras como o lazer é praticado”.

Buscou-se conhecer como cada aluno usufrui do seu lazer e, para a surpresa da docente envolvida, alguns alunos não sabiam o que havia de formas de lazer em seus próprios bairros. Daí, surgiu a ideia de pesquisar as opções de lazer de cada bairro, gratuitas ou não. Eles identificaram e expuseram no mural da escola as diversas formas de desfrutar do lazer próximos às suas residências e, ainda, puderam conhecer outras formas de lazer nos bairros vizinhos.

Com esta experiência foi possível observar que a descoberta das opções de lazer de seus próprios bairros e dos bairros adjacentes a instituição pesquisada ampliou a visão de mundo dos estudantes quanto a tensão existente entre querer e poder participar das diferentes opções de lazer, já que a maior parte delas não são gratuitas. Nesse sentido, uma das possibilidades de a escola ao tratar sobre esse tema é provocar os alunos quanto o direito ao lazer, refletindo sobre o que pode ser melhorado em seu bairro, por meio de políticas públicas, para transformar a sua realidade.

Na experiência “Lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade”, com a turma do 1º ano do Ensino Médio, a proposta foi problematizar o lazer e a sua relação com a qualidade de vida e a cultura. Com base na metodologia de “aprendizagem baseada em projetos”, foi lançada a seguinte questão: “se cabe a escola, sobretudo nas aulas de Educação Física, oportunizar conhecimentos e práticas corporais para os estudantes, como o lazer pode se tornar um instrumento de democratização em nossa sociedade?”.

Buscando aproximar à situação-problema da turma, foi realizada uma roda de conversa e refletiu-se sobre práticas corporais como um momento de lazer, bem como a secundarização destas na vida dos alunos, principalmente nos dias de hoje, com tantas facilidades e, ao mesmo tempo, tantas dificuldades para a sua concretização.

Foi proposto que os alunos, divididos por grupo, realizassem uma pesquisa para investigar e identificar o lugar do lazer no cotidiano dos estudantes. Por meio de cartazes (o produto que deveriam elaborar ao final do projeto), que posteriormente foram expostos na escola, os alunos problematizaram a preferência da turma por um lazer com o uso das mídias e tecnologias, tais como uso de celular para acessar redes sociais, jogos eletrônicos e sites de filmes e séries, direcionando a pesquisa para diferentes formas de lazer. No entanto, as discussões em aula levaram os alunos a pensar, também, na importância de se vivenciar um lazer mais ativo, que refletisse na melhoria da qualidade de vida. A partir dessa ação, buscou-se fomentar o lazer como um direito social e pensar sobre aspectos que envolvem o homem com o seu tempo livre e a necessidade humana de se divertir como fator para qualidade de vida (DUMAZEDIER, 2000).

Para tanto, foi realizada uma pesquisa diagnóstica sobre que práticas corporais que eles gostariam de realizar em aula. Desse diálogo, surgiram sugestões de atividades que passaram por mudanças pedagógicas planejadas conjuntamente entre alunos e professor, exemplo: para a ação de descansar, houve uma aula de relaxamento e alongamento; para jogos eletrônicos, houve jogos populares como pique-esconde e queimado; para musculação, houve uma aula de ginástica funcional.

A partir dessas atividades, despertou-se a motivação dos alunos para as aulas de Educação Física, pois acredita-se que o planejamento participativo e o uso de metodologias ativas aproximaram os estudantes de práticas mais prazerosas e que eles sentiram identificação.

Por meio, também, da temática “Lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade”, o

tema lazer esteve presente nas aulas do PROEJA, de forma transversal, durante todo o primeiro semestre de 2019. A saúde constituiu a temática central, sendo abordada de maneira multidimensional em seus aspectos físicos, emocionais, sociais, intelectuais e espirituais, conforme a definição proposta pela Organização Mundial da Saúde (SILVA; et al, 2017).

A partir do entendimento de que a saúde é um direito de todos e todas (OPAS/OMS, 2019), foram desenvolvidas, durante as aulas, atividades que trouxessem à tona a discussão sobre como os estudantes organizam suas rotinas cotidianamente, e de que forma essa organização promove a saúde ou potencializa o surgimento/agrava doenças já existentes. Foram eleitas atividades que proporcionassem memórias afetivas ligadas à infância, dentre as quais jogos e brincadeiras das décadas de 80/90.

Destaca-se, no presente relato, os resultados de uma atividade que teve como objetivos vivenciar jogos cooperativos e competitivos e problematizar práticas corporais no contexto da discussão sobre saúde social. A partir da vivência prática, que foi feita sob a forma de diferentes estafetas que envolviam movimentos e situações-problema que exigiam competição e uma atividade cooperativa chamado “nó humano”, refletiu-se sobre lazer, saúde, cooperação, diálogo e conflito no cotidiano. Ao final da aula, foi proposto aos estudantes que elaborassem uma síntese reflexiva, por escrito, relacionando as palavras saúde, cooperação, diálogo, conflito, avaliação às atividades desenvolvidas na aula.

O primeiro ponto a ser destacado nos relatos dos estudantes diz respeito ao reconhecimento do caráter lúdico das atividades. Segundo os relatos, muitos “não sabiam o que era brincar há muito tempo”. O retorno à infância, por meio da memória afetiva desencadeada pelas práticas corporais, possibilitou o reconhecimento que o brincar e o lazer não se restringem à infância. Foram recorrentes as falas a respeito da dificuldade de administrar o tempo – ou a falta dele – para incluir atividades que possibilitassem momentos de lazer no dia a dia. Grande parte das falas atribuíam essa dificuldade ao volume de trabalho e, no caso das estudantes mulheres, à tripla jornada – mercado de trabalho, maternidade e estudo. Contudo, foi comum o entendimento de que a destinação de tempo para o lazer é fundamental para a promoção da saúde e a prevenção de doenças.

Considerando a classificação proposta por Dumazedier (2000) a respeito das funções do lazer – descanso, divertimento e desenvolvimento – ficou evidente, nas sínteses reflexivas elaboradas pelos estudantes do PROEJA, que as atividades realizadas funcionaram como válvula de escape para as tensões do dia a dia. Além disso, as atividades impactaram, de maneira mais potente, no reconhecimento do prazer que a brincadeira pode gerar na vida dos adultos, conforme se observa em algumas autoavaliações do tipo: “Foi prazeroso demais hoje. Às vezes chegamos aqui com a correria, as dificuldades e os conflitos do nosso dia a dia que não percebi a importância de um momento para o meu corpo”; “[...] as brincadeiras foram bastante divertidas, com bastante movimentos e correria. Em todo momento houve diálogos, risadas e nenhum conflito. Teve bastante união, divertimento e trabalho em grupo e a turma pareceu se divertir muito”; ou, ainda “creio que todos nós gostamos, pois, a maioria já não brinca assim há bastante tempo”.

Segundo os estudantes, a dificuldade de estabelecer diálogos respeitosos durante situações que envolvem conflitos; e a predominância de posturas competitivas, em detrimento de práticas de cooperação nas relações sociais e no ambiente de trabalho são obstáculos que podem proporcionar o surgimento de doenças ou agravar doenças, principalmente ligadas ao estresse do dia a dia. Quando questionados a respeito do que fazer para superar esses obstáculos, os estudantes sugerem, entre outros aspectos: “interagir com as pessoas e repensar seus atos”; “viver entre amigos”; “procurar participar e entender o meio em que convivemos”; “valorização das pessoas e grupos, independente de religião, etnia, gênero ou diferença de idade; praticar exercícios em espaços públicos”.

As propostas elencadas pelos estudantes se encaminham na direção da terceira função do lazer, proposta por Dumazedier (2000): a participação. Eles reconhecem que, embora o espaço escolar lhes esteja proporcionando momentos de ludicidade e prazer durante as aulas de Educação Física, o tempo escolar não é suficiente. Segundo eles e elas, há, no mínimo, dois tipos de investimento para aumentar a participação nos espaços de lazer e práticas de ativi-

dades físicas, em direção a uma vida mais saudável: o primeiro, de ordem pessoal, envolve a reorganização dos hábitos e o planejamento sistemático do dia a dia, no que se refere à prática de atividades físicas, à regulação dos hábitos alimentares e à regulação das emoções, principalmente, daquelas que resultam das relações sociais conflituosas. O segundo, de ordem coletiva, envolve a participação em grupos que reivindiquem direitos básicos ligados à segurança, à saúde pública e à educação, dos quais a maioria dos estudantes do PROEJA é privado, em função das suas condições econômicas e sociais.

Como desdobramentos das discussões no primeiro semestre, projetou-se, para o segundo semestre, um trabalho de investigação dos conhecimentos da comunidade escolar acerca da temática jogos, brinquedos e brincadeiras que servirá como fonte de reflexão para as aulas de Educação Física e para a proposição de atividades e projetos que ampliem as possibilidades de lazer da comunidade escolar.

Práticas como essas reforçam a importância de discutir como a Educação Física atravessa o lazer dos estudantes na escola, seja pelo gerenciamento das práticas corporais, pela valorização do tempo livre e dos espaços no tempo do lazer, formas de lazer aprendido e pesquisado na escola e aplicado na prática cotidiana e/ou o incentivo para se motivar e motivar outras pessoas ao seu redor com mudanças de atitudes e visões de mundo sobre o lazer no tempo disponível.

Considerações Finais

Observou-se que, com esse relato de experiências acerca da possibilidade de dialogar com o lazer na escola, a importância de aproximar os estudantes de práticas que oportunizassem reflexão, crítica e identificação com o lazer como um direito social dentro e fora da escola se destacaram nas ações pedagógicas com os discentes.

A partir de atividades de pesquisa e de solução de problemas, fundamentadas em metodologias ativas, foi possível repensar métodos que desafiam alunos e professores em busca de ações pedagógicas cooperativas, colaborativas e envolventes sobre o conteúdo proposto nas diferentes etapas da Educação Básica.

Ressalta-se que as experiências realizadas no chão da escola mostraram caminhos para se pensar o lazer neste espaço, indo de encontro a preocupação com a “desescolarização” da Educação Física, bem como o conhecimento sobre a promoção do lazer, da qualidade de vida e de vivências prazerosas dentro do contexto escolar.

Verificou-se que para os alunos a prática, na maioria das vezes, é o que tem mais relevância dentro do contexto de aula. Não se deixou de valorizá-la, já que o relato mostrou o envolvimento e a motivação com o conteúdo a partir das expectativas dos estudantes. No entanto, o interesse das docentes estava relacionado ao processo, sobretudo como e o que os alunos conseguiriam apreender por meio da experiência com o lazer. Esses aspectos se aproximam da perspectiva proposta pela instituição na qual as experiências aqui relatadas foram realizadas, a partir dos documentos institucionais e das ações pedagógicas pensadas por docentes e discentes.

As experiências mencionadas com a colônia de férias, o lazer no bairro e as discussões sobre o lazer e as interfaces com a saúde e a sociedade apontaram para o lugar dos estudantes no centro do processo, assumindo o papel de protagonistas na aprendizagem. E, para as docentes, houve a ampliação do olhar acerca da importância de nosso papel de professor-pesquisador das próprias práticas, com a socialização e a troca de conhecimentos que foram construídos, a partir dessa escrita, nesse relato de experiência.

Considera-se que a pesquisa oportunizou vários encontros dialógicos e potentes para a formação de todos, discentes e docentes, com discussões e atravessamentos da Educação Física no e com o lazer na escola, e sua aplicação e motivação (individual e coletiva) nas ações sobre a qualidade do tempo disponível.

Referências

- ALVES, N. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BORGES, T. S.; ALENCAR G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**. Jul/Ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 1 19-143, ISSN 22377719. Acesso em 21 nov. 2019.
- BRASIL. **Projeto Político Pedagógico Institucional**. Colégio Pedro II. 2018.
- BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano, 1. Artes de fazer**, tradução de Epharain Ferreira Alves Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1994.
- CONCEIÇÃO, V. M. da; SOUZA, L. K. de. Lazer, Educação Física e Adolescência. **Revista Licere**, v. 18, n. 2, 2015, pp. 193-220.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MELLO, S. A. Contribuições de Vigotski para a Educação Infantil. In: MENDONÇA, S. G. L.; MILLER, S. (Orgs.). **Vygotsky e a Escola Atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.
- OPAS/OMS. Declaração de Alma-Ata. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários em Saúde**. 1978.
- PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2a ed. Campinas: Papirus, 1997.
- RESENDE, H. G. Reflexões sobre algumas contradições da educação física no âmbito da escola pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal. **Movimento**, v. 1, n. 1, 1994, pp. 20-28.
- ROCHA, H. M.; LEMOS, W. de M. Metodologias ativas: do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em andamento. In: IX Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Comunicações: **SIMPED**. Rio de Janeiro: Fapesp, 2014. p. 1-12.
- ROCHA, M. A.; SOUZA, K. de. A visão das crianças sobre o lazer. **Revista Licere**, v. 15, n. 4, 2012, pp. 1-22.
- SCHNEIDER, O.; BUENO, J. G. S. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 23-46, dez. 2007.
- SANTOS, W.; MAXIMIANO, F. de L. Avaliação na educação física escolar: singularidades e diferenciações de um componente curricular. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis**, v. 35, n. 4, p. 883-896, out./dez. 2013.

SILVA, A. P. da et al. Educação em saúde: perspectivas interdisciplinares. In: SILVA, K. R. X. da; AMPARO, F. V. da S. do. **Criatividade e Interdisciplinaridade: Desafios, Possibilidade e Práticas na Educação Básica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pedro & João Editores, 2017. p. 59-70.

SILVA, T. P.; SILVA, C. L. da. Lazer e Educação Física Escolar: Produção acadêmica no período de 2003 a 2012. **Revista Licere**, v. 17, n.4, 2014, pp. 162-197.

Recebido em 31 de março de 2020.

Aceito em 20 de abril de 2020.